

AS INFÂNCIAS AFRO-DIASPÓRICAS COMO CENTRAIS: UM ESTUDO AFROPERCEPTIVISTA

*Higor Luan Santos Camargo**, *Caroline Terra de Oliveira***

RESUMO

O artigo propõe uma análise documental entre duas representações visuais do século XIX: a pintura “O Jantar”, do francês Jean-Baptiste Debret, e uma escultura yorubá de Ibeji. Ambas são mobilizadas como registros simbólicos e epistemológicos para refletir sobre as representações das infâncias afro-diaspóricas no Brasil. Enquanto a obra de Debret é lida como expressão de uma perspectiva colonial e eurocêntrica, a escultura de Ibeji representa uma cosmo percepção africana, fundamentada na ancestralidade e na centralidade dos gêmeos na tradição yorubá. A análise baseia-se nos referenciais teóricos da afrocentricidade e da afroperspectiva, com o intuito de deslocar o olhar do paradigma colonial para uma abordagem em que os sujeitos africanos e afro-diaspóricos são compreendidos como agentes de suas próprias epistemologias. O estudo não se limita a uma comparação estética, mas busca compreender como essas imagens constroem sentidos sobre as infâncias negras, atuando na disputa por memória, humanidade e liberdade.

Palavras-chave: infâncias afro-diaspóricas; epistemologias africanas; afrocentricidade.

* Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Bolsista CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2282-2833>. Correio eletrônico: higorcarnargors@gmail.com.

** Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG). Professora Adjunta no Departamento de Pós-Graduação em Educação da UFPel. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9710-1382>. Correio eletrônico: caroline.terraoliveira@gmail.com.

**AFRO-DIASPORIC CHILDHOODS AS CENTRAL:
AN AFROPECTIVIST STUDY**

ABSTRACT

The article proposes a documentary analysis between two nineteenth-century visual representations: the painting “*The Dinner*” by the French artist Jean-Baptiste Debret, and a Yoruba sculpture of Ibeji. Both are mobilized as symbolic and epistemological records in order to reflect on the representations of Afro-diasporic childhoods in Brazil. While Debret’s work is interpreted as an expression of a colonial and Eurocentric perspective, the Ibeji sculpture represents an African cosmoperception grounded in ancestry and in the centrality of twins within the Yoruba tradition. The analysis is based on the theoretical frameworks of Afrocentricity and Afroperspectivism, with the aim of shifting the gaze from the colonial paradigm toward an approach in which African and Afro-diasporic subjects are understood as agents of their own epistemologies. The study is not limited to an aesthetic comparison, but seeks to understand how these images construct meanings about Black childhoods, operating within disputes over memory, humanity, and freedom.

2

Keywords: Afro-diasporic childhoods; African epistemologies; Afrocentricity.

**LAS INFANCIAS AFRO-DIASPÓRICAS COMO CENTRALES:
UN ESTUDIO AFROPECTIVISTA**

RESUMEN

El artículo propone un análisis documental entre dos representaciones visuales del siglo XIX: la pintura “*La Cena*” del francés Jean-Baptiste Debret y una escultura yorubá de Ibeji. Ambas son movilizadas como registros simbólicos y epistemológicos para reflexionar sobre las representaciones de las infancias afro-diaspóricas en Brasil. Mientras que la obra de Debret es leída como expresión de una perspectiva colonial y eurocéntrica, la escultura de Ibeji representa una cosmopercepción africana, fundamentada en la ancestralidad y en la centralidad de los gemelos en la tradición yorubá. El análisis se basa en los referentes teóricos de la afrocentricidad y la afroperspectiva, con el propósito de desplazar la mirada del paradigma colonial hacia un enfoque en el que los sujetos africanos y afro-diaspóricos son

compreendidos como agentes de sus propias epistemologías. El estudio no se limita a una comparación estética, sino que busca comprender cómo estas imágenes construyen sentidos sobre las infancias negras, actuando en la disputa por la memoria, la humanidad y la libertad.

Palabras clave: infancias afro-diaspóricas; epistemologías africanas; afrocentricidad.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar as representações das infâncias afro-diaspóricas no Brasil por meio de dois documentos visuais provenientes de epistemologias distintas: a pintura “*O Jantar*”, do artista francês Jean-Baptiste Debret, produzida no século XIX, durante a sua estadia no Brasil, e uma escultura yorubá de *Ibeji*, também produzida no século XIX, tradicionalmente associada à ancestralidade e ao culto aos gêmeos, também presente nos terreiros (Candomblé e Nação-Batuque).

A escolha por esses dois registros está relacionada à potência analítica, que nos oferecem reflexões críticas ao colocar em evidência os modos contrastantes de significar as infâncias afro-diaspóricas. Apontaremos para dois pólos analíticos, o colonial eurocêntrico como denúncia e a cosmopercepção africana yorubá (Oyěwùmí, 2002) como uma perspectiva filosófica e pedagógica. A análise será conduzida sob a base teórica da afrocentricidade (Asante, 2016) e da afroperspectiva (Nogueira, 2019), compreendidas como ferramentas epistemológicas que deslocam o eixo interpretativo dos referenciais coloniais e eurocêtricos nas formas de pensar, sentir e narrar as experiências e conhecimentos dos povos africanos e afro-diaspóricos.

Dessa maneira, não sendo mais o africano ou o afro-diaspórico objeto de estudo, mas sim, o agente de sua própria epistemologia. Nesse sentido, mais do que uma comparação formal ou estética, a proposta deste trabalho é investigar como essas imagens constroem sentidos sobre as infâncias afro-diaspóricas e africanas, como narram a sua existência e como operam na disputa por memória, humanidade e liberdade.

2 DO OLHAR COLONIZADOR À COSMOPERCEPÇÃO YORUBÁ: CAMINHOS TEÓRICOS

A obra de Debret, ao retratar o cotidiano de crianças africanas escravizadas, carrega marcas profundas do olhar colonizador, que objetifica (Mbembe, 2018), hierarquiza e naturaliza a subalternização da população africana no Brasil. Em contrapartida, a escultura de *Ibeji* expressa uma dimensão ontológica da infância yorubá, que perdura sobre as infâncias afro-diaspóricas de terreiro — elementos que fortalecem a humanidade, a identidade e a dignidade humana (Boni, 2008), são condicionadas pela escultura de *ibeji* e sua dimensão filosófica e pedagógica.

A análise documental, nesse contexto, não se limita à descrição das imagens, mas se ancora na crítica às estruturas coloniais de produção de conhecimento e na valorização de outras formas de produzir conhecimentos e significar o mundo. Ao tensionar essas representações, este trabalho busca contribuir para os debates contemporâneos sobre infâncias afro-diaspóricas de terreiro no Brasil, a memória africana e práticas educativas afro-referenciadas, conforme orienta a Lei n.º 10.639/2003.

O francês Jean-Baptiste Debret (1769-1848) morou no Brasil durante o século XIX e registrou a História do Brasil pela cosmovisão colonial. A obra “O jantar” retrata não somente a condição histórico-social (Nogueira, 2019) do sujeito colonizado, mas também constrói a ideologia nacional (Nascimento, 2021), que perdura no Brasil em sua contemporaneidade. Em “O Jantar”, Debret registra uma cena cotidiana da elite colonial, no qual uma criança africana aparece em posição subalterna, ao lado da mesa, comendo a sobra da comida dos colonizadores.

A temática da escravidão, externada recorrentemente nas artes modernas, é aqui abordada a partir de uma discussão epistemológico-comparativa entre “O jantar” de Debret e a escultura de *Ibejis*. Ambas obras divergem epistemologicamente, entretanto, em alguma medida, nos proporcionam reflexões ontológicas importantes sobre as infâncias afro-diaspóricas no Brasil e as suas agências (Asante, 2016). Principalmente, nos remete às reflexões realizadas por Beatriz do Nascimento (2021) acerca da história do negro brasileiro. Nessa perspectiva, destacamos as infâncias afro-diaspóricas na formação histórico-social do Brasil.

Em paralelo a uma reflexão teórica relacionada ao compromisso não apenas artístico, mas também político-social de ambos os autores, este estudo põe em perspectiva a importância exponencial dessa leitura crítica com o intuito de contribuir com a formação histórica e cultural da sociedade brasileira (Neto; Ourique, 2019, p. 46).

Os autores do trecho acima, referem-se à comparação entre Debret (1769-1848) e Machado de Assis (1839-1908). No presente texto, porém, apresentamos uma comparação entre Debret e a escultura de *Ibeji*. Para tanto, nosso percurso de leitura parte do reconhecimento de que as práticas escravagistas estão entranhadas nos 5 séculos de desenvolvimento agrário e industrial nas Américas (Neto; Ourique, 2019). Nesse percurso histórico, a ideologia do racismo tem raízes tão profundas na formação social brasileira que temos de levar em conta uma série de formas de comportamento, de hábitos, de maneiras de ser e de agir (Nascimento, 2021). Entretanto, buscaremos analisar a forma como as infâncias afro-diaspóricas são representadas na obra “O Jantar” (Debret, séc. XIX) e na escultura Yorubá de *Ibeji*, analisando suas divergências. Dessa maneira, refletimos sobre os sentidos coloniais e afrocentrados atribuídos aos corpos infantis.

3 EPISTEMOLOGIAS DISTINTAS: “O JANTAR”, DE DEBRET E A ESCULTURA YORUBÁ DE IBEJIS

5

“Um olhar infantil é capaz de se espantar diante do que é corriqueiro e enxergar coisas inusitadas nas situações mais regulares e ordinárias” (Nogueira, 2019).

Jean-Baptiste Debret (1768-1848) nasceu e faleceu em Paris (França), onde frequentou a Academia de Belas Artes, no qual foi aluno de Jacques-Louis David, líder do neoclassicismo francês. Foi pintor, professor, gravador e cenógrafo. Em 1816 chegou ao Brasil, através da Missão Artística Francesa, tendo permanecido no país até 1831. Além de promover o ensino artístico na cidade do Rio de Janeiro (RJ), registrou, durante a sua visita a várias cidades brasileiras, a fauna e a flora, assim como os eventos e as atividades culturais, políticas e econômicas. Nesse contexto, Debret reproduz em sua obra o cenário transitório entre Brasil colônia e Brasil Império.

Imagem 1 – “O Jantar”



Fonte: Debret (1835).

A obra de Debret, intitulada “O Jantar” (*Le diner*), mostra uma família branca da elite brasileira sendo servida por pessoas africanas em condição de escravizadas — entre elas, duas crianças africanas, também em condição de escravizadas, uma sentada e outra em pé, ao lado da mesa comendo a sobra dos colonizadores. Na imagem, todos os africanos em condição de escravizados estão descalços e em posição subalterna. Essa imagem constrói não somente a projeção da infância afro-diaspórica como mão de obra e objeto utilitário, mas, da infância africana como “herdeira” dessa condição, ou vice-versa. Já a escultura Yorubá de *Ibeji*, divindade dos gêmeos e símbolo sagrado da infância, representa a criança como princípio da vida, centro do cuidado e da continuidade.

O colonialismo (Césaire, 1978) construiu uma imagem da infância africana e afro-diaspórica desumanizada e subalterna ao europeu. Milhões de indivíduos negros foram sequestrados de sua terra natal e de sua família e transportados de forma desumana em embarcações insalubres e em condições deploráveis (Neto; Ourique, 2019). Sobre essa dinâmica, Aimé Césaire (1978, p. 25) diz que

entre colonizador e colonizado só há lugar para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, o imposto, o roubo, a violação, as culturas obrigatórias, o desprezo, a desconfiança, a arrogância, a suficiência, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas (Césaire, 1978, p. 25).

Descreve-se, desse modo, um colapso humanitário. Nessa perspectiva, a guerra, afinal, é tanto um meio de alcançar a soberania como uma forma de exercer o direito de matar (Mbembe, 2018). Se considerarmos a Arte, a Filosofia, a Pedagogia e a Ciência, de modo geral, uma forma de guerra, devemos nos perguntar: Que lugar é dado às infâncias africanas e afro-diaspóricas, à vida, à morte e aos corpos desses sujeitos? Como eles estão registrados na dinâmica do poder? Entretanto, a obra *Le Diner – O jantar*, responde grande parte das reflexões ou, pelo menos, aponta para algum lugar da análise, expressando em quais condições históricas, sociais e culturais o africano e seus descendentes são ameaçados.

De maneira equivocada ou talvez cínica, Neto e Ourique (2019) escrevem no artigo intitulado “*Debret e Machado: Vozes e Imagens da escravidão no Brasil*” um discurso perigoso, que pode, em alguma medida, compactuar com a ideologia do racismo (Nascimento, 2021). No trecho, os autores dizem o seguinte:

as Artes, em suas diversas e plurais manifestações, eternizaram valiosos registros dessa prática impiedosa num *país tropical abençoado por Deus e bonito por natureza*. Mesmo tendo o escravismo como pano de fundo, seja sincrônica ou diacronicamente observada, amores se fizeram florescer em inúmeras obras. Em outras, o compromisso com a denúncia falou mais alto, como observado nas 3 litografias de Jean-Baptiste Debret (1768 – 1848), todas publicadas em 1835 (Neto; Ourique, 2019, p. 46-47).

7

No que se refere às três litografias mencionadas pelos autores: litografia um, “*Feitores corrigindo negros*”; litografia dois, “*Sapataria*” e litografia três, “*O Jantar*”, nos permite refletir o que as imagens expressam e os conceitos utilizados pelos autores do artigo que, em alguma medida, se contradizem. A primeira litografia descreve um escravocrata agredindo violentamente um africano em condição de escravizado - o sujeito africano, totalmente imobilizado, com as amarras do colonizador. A segunda se refere ao cenário de uma sapataria, no qual um homem branco violenta as mãos do sapateiro (africano) com um objeto conhecido como Palmatória – antigo objeto de madeira de correção moral.

Portanto, vejamos as seleções de frases e palavras utilizadas para se referir às obras de Debret: “Valiosos registros”, “abençoado por deus”, “Bonito por natureza”, “Escravidismo como pano de fundo”, “amor se fizeram florescer”, “Compromisso com a denúncia.” A perversidade da colonização, talvez esteja na naturalização da condição desumana dos africanos escravizados, das crianças animalizadas e tratadas como animais selvagens. Ante a reflexão proposta, pontuamos os seguintes questionamentos: O que há de valioso nestes

registros? Como florescer amor em obras, que fetichizam, animalizam e subalternizam os corpos africanos e ameríndios?

No presente texto, estejamos comprometidos a analisar a obra “O jantar”. Nesse sentido, o discurso dos autores nos chama a atenção para o debate inicial: Qual o lugar das infâncias africanas e afro-diaspóricas na formação histórico-social do Brasil e na dinâmica do poder a partir dos registros artísticos de Debret? Assim, constatamos que expressa um registro da desumanização, da inferioridade e do grande holocausto africano. Além disso, reflete o registro de uma terra que não foi “abençoada por Deus”, mas sim, consiste na expressão do próprio inferno criado pelo paradigma Ocidental, o qual exterminou o que era “Bonito por natureza” antes da desgraça colonial. Portanto, o escravismo não é pano de fundo como menciona os autores, mas uma espécie de película nas obras de Debret, pois a cosmovisão do colonizador está intrínseca em cada tela.

A corporalidade expressa nas obras de Debret, em específico *Le diner* – O jantar, retrata a concepção de sociedade, na qual classifica a humanidade desde o corpo até o *episteme*. De modo que, o corpo é categorizado e hierarquizado e a *episteme*, no que se refere aos conhecimentos científicos africanos e ameríndios e os seus modos de vida comunitário e agrário, são inferiorizados, apropriados e distorcidos, desde a concepção de humanidade, a construção de uma falsa narrativa de “civilidade”. No entanto, o sujeito a ser corrigido é o descivilizado, o primitivo, o irracional, o africano. A infância africana e afro-diaspórica alimenta o seu corpo do resto dos colonizadores, nesse cenário. Dessa maneira, apontando como a sociedade brasileira percebe as infâncias africanas e afro-diaspóricas - sujeitos que se alimentam dos restos da soberania (Mbembe, 2018).

A noção de sociedade que emerge dessa concepção é que a sociedade é constituída por corpos e como corpos – corpos masculinos, corpos femininos, corpos judaicos, corpos arianos, corpos negros, corpos brancos, corpos ricos, corpos pobres. Uso a palavra “corpo” de duas maneiras: primeiro, como uma metonímia para a biologia e, segundo, para chamar a atenção para a fisicalidade que parece estar presente na cultura ocidental. Refiro-me tanto ao corpo físico como às metáforas do corpo (Oyěwùmí, 2002, p. 2).

Em diálogo, a crítica da filósofa nigeriana Oyěwùmí (2002) e Mbembe (2018) sobre as sociedades resultantes da colonização, é importante notar a racialização dos corpos. No que se refere ao corpo, acreditamos que, ao olhar para ele, pode se inferir as crenças e a posição social de uma pessoa ou a falta delas (Oyěwùmí, 2002). Nesse caso, o exercício da soberania, por sua vez, consiste na capacidade da sociedade para autocriação pelo recurso e às

instituições inspirado por significações específicas sociais e imaginárias (Mbembe, 2018). Em outras palavras, a soberania – o europeu, colonizador, a branquitude – coloca-se como referência para a humanidade. Assim, corrigindo aquele que é compreendido como inumado.

Em *Le Diner*, Debret mensura o que mais tarde, no século XX, Aimé Césaire (1978) vai chamar de equação do colonialismo, sendo ela *Colonização = Coisificação*. No mais tardar, no século XXI, Mbembe (2018), ajuda a argumentar que o escravismo não pode e não deve ser pano de fundo de qualquer análise. Qualquer relato histórico do surgimento do terror moderno precisa tratar da escravidão, que pode ser considerada uma das primeiras manifestações da experimentação biopolítica. Assim, a obra analisada, *Le Diner*, dispõe da racialidade e da hierarquização dos corpos, seja pela tela, ou pela sociedade concreta do século XIX. Sobre isso, destacamos a reflexão de Mbembe (2018, p. 27):

a humanidade do escravo aparece como uma sombra personificada. De fato, a condição de escravo resulta de uma tripla perda: perda de um “lar”, perda de direitos sobre seu corpo e perda de estatuto político. Essa tripla perda equivale a uma dominação absoluta, uma alienação de nascença e uma morte social (que é expulsão fora da humanidade). Enquanto estrutura político-jurídica, o *plantation* é sem dúvida um espaço em que o escravo pertence ao senhor. Não é uma comunidade, porque por definição, a comunidade implica o exercício do poder de fala e de pensamento.

9

Entretanto, os sentidos coloniais sobre infâncias são distintos das concepções africanas. De modo que a infância, na concepção africana de *Ibejé*, tem o poder da palavra e do pensamento. Não somente a palavra verbalizada, mas a palavra expressa pela corporalidade do *èré Ibejé*. Se a comunidade implica o exercício do poder de fala e de pensamento (Mbembe, 2018), então, o estado de infância é uma perspectiva que reconhece que podemos aprimorar nossa maneira de interpelar o mundo sempre que estivermos abertos a repensar o que pensamos (Nogueira, 2019). Nesse sentido, a oralidade é base fundamental da memória africana, segundo Nascimento (2020).

Aqui percebemos que a oralidade, base fundamental dessa memória africana, não pode simplesmente ser reduzida à mera relação entre a fala e a escuta. Ela significa, antes de tudo, uma implicação dos sujeitos naquilo que se diz e naquilo que se escuta. Não apenas a palavra está em jogo na oralidade, mas a pessoa, a comunidade, a realidade (Nascimento, 2020, p. 59).

Nesse caso, a filósofa Tanella Boni apresenta um trabalho na exposição de Gentú Ndaw (Sonhos de Infância) sobre as infâncias na perspectiva africana. Segundo Nogueira (2019, p. 62),

nos anos de 2013 e 2016, Tanella Boni ofertou poemas para a exposição Gentú Ndaw (Sonhos de Infância) com fotografias do cotidiano de crianças do Mali, Gana, Costa do Marfim, Níger, Togo, Burkina Faso, Senegal e Gâmbia do artista Ángel Luis Aldai. Em certa medida, os poemas convergem com as observações feitas por Amadou Hampâté Bâ (1900-1991) em *Amkoullel, o menino fula* (2003), a saber: a memória está no registro da infância. Conforme Bâ, o menino fula desde criança foi convidado a escutar histórias, saborear as palavras. Afinal, só é possível memorizar na condição de infância. Em outras palavras, a memória não seria algo apenas do registro da ancestralidade. Ela não deve ser entendida como propriedade exclusiva das pessoas mais velhas. As crianças e as pessoas investidas de infância guardam a tradição.

Por excelência, a infância africana em *èré Ibjeí* configura a comunidade yorubá e se estende sobre a diáspora africana. Desse modo, enfatizamos que não há comunidade sem infância. Nesse caso, iremos dar continuidade à análise por outro caminho, que não se esgota nesse texto, mas possibilita repensar os estudos e análises sobre as infâncias africanas e afro-diaspóricas. Nesse sentido, as sociedades tradicionais africanas consideram os gêmeos como divindades, caso dos gêmeos para os *Iorubás*, por exemplo, e o culto oferecido a eles difere de um lugar a outro (N'dala, 2013).

Imagem 2 – Figura Gêmea (Ibeji)



Fonte: Figura Gêmea (Ibeji) [18--].

O *Ibeji* é conhecido, no Brasil, como o *Orisá* – divindade Yorubá, que simboliza os gêmeos. Salientamos que a palavra *Ibeji* significa, precisamente, “gêmeos”, mas é também a divindade da infância. Nos candomblés e Nações (Batuques no RS), no Brasil, essa divindade se vincula aos *Erês*, entidades infantis que são também um dos modos dos *Orisás* se comunicarem. Mas, além disso, podemos compreender o *Ibej* como princípio filosófico e pedagógico, que está presente na formação histórico-social da cosmopercepção africana.

O racismo foi, e continua sendo, justificativa ideológica para associar o domínio colonialista de não brancos como uma missão civilizadora branca que traz progressos científicos e econômicos. A Europa tinha como missão ensinar a vida para os que não sabiam viver como humanos civilizados (Nogueira, 2019). Em termos afrocêntricos, a escultura de *Ibej* se torna uma espécie de aliança entre as infâncias africanas e afro-diaspóricas, pois tanto o africano yorubá continental quanto o africano em diáspora no Brasil podem vir a se localizar na mesma escultura em aspectos epistemológicos, culturais e pedagógicos.

Na escultura, observamos, a postura de *Ibej*, ambos verticais, em posição de dignidade, com artefatos representando fortaleza, feminilidade, masculinidade, poder e agilidade. Na dinâmica de poder, os *ibej*s são o próprio poder. É importante mencionar que o búzio – também conhecido como moeda antiga *cauris*, que inclusive é a moeda dos ancestrais africanos yorubá (*Orisás*) – é um elemento que representa riqueza. No entanto, diverge de *Le Diner* em todos os aspectos (históricos, sociais, psicológicos, filosóficos e pedagógicos).

Taiwo e *Kehinde* são as nomeações atribuídas a *Ibej*. Nogueira (2019), ao analisar o *Itãn* sobre *Ibej*, conta que, o segredo revelado indicou que duas crianças, justamente os gêmeos, *Taiwo* e *Kehinde*, os gêmeos (*ibejis*), deveriam ir conversar com o *Icu*, a Morte (Nogueira, 2019). Nessa narrativa, os gêmeos afastam a morte (*Ikú*) da comunidade através da brincadeira, da dança e da esperteza, presente no estado de infância.

Portanto, a Infância é mais poderosa do que a morte (Nogueira, 2019). Nesse caso, ela é um estado, que possibilita novas interpretações sobre si, sobre a Arte, a Filosofia, a Pedagogia, a Ciência e o que, de fato, é humanidade. Entretanto, opera pelos desígnios da transformação, da gestão de realidades porque reconfigura através de sua potência criadora (Nogueira, 2019). Contudo, segue abaixo quadro comparativo com alguns dados sintetizados.

Quadro 1 - Levantamento das categorias a partir da análise documental

Categorias de análise	<i>Le Diner (O Jantar)</i>	<i>ìbejì (Escultura Yorubá)</i>
Epistemologia	Eurocêntrico	Afrocêntrico
Representação da Infância	Animalizada; Subalternizada; Coisificada	Potencializada; Sagrada; Centralizada
Efeitos Pedagógicos	Escravizada; Colonizada; Silenciada	Emancipada; Cuidada; Reverenciada
Período	Século XIX	Século XIX a XX

Fonte: elaborado pelos autores.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS E EPISTEMOLOGIAS DISTINTAS

Tanto a pesquisa documental como a pesquisa bibliográfica têm o documento como objeto de investigação (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009). Na presente pesquisa, foi necessária e importante a escolha da obra de Debret (1835) e da escultura Yorubá de *ìbejì* (1973) para apontar as epistemologias distintas e as possibilidades de reflexões e ampliação das investigações sobre as infâncias afro-diaspóricas e africanas.

A etapa de análise dos documentos propõe-se a produzir ou reelaborar conhecimentos e criar novas formas de compreender os fenômenos. É condição necessária que os fatos devem ser mencionados, pois constituem os objetos da pesquisa, mas, por si mesmos, não explicam nada. O investigador deve interpretá-los, sintetizar as informações, determinar tendências e na medida do possível fazer a inferência (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009, p. 10).

Nesse sentido, a presente investigação sistematiza epistemologias distintas – Eurocêntrica e Afrocêntrica – e tenciona os debates que perduram sobre ambos os documentos. Dessa maneira, é importante frisar, que a análise realizada foi desenvolvida através das discussões que ambos documentos proporcionam sobre os estudos das infâncias. No primeiro momento, foi realizada a comparação dos fundamentos epistemológicos e suas consequências sobre os corpos infantis africanos em diáspora, suas identidades e sua dignidade humana.

Depois de obter um conjunto inicial de categorias, a próxima fase envolve um enriquecimento do sistema mediante um processo divergente, incluindo as seguintes estratégias: aprofundamento, ligação e ampliação (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009).

Baseado naquilo que já obtive, o pesquisador volta a examinar o material no intuito de aumentar o seu conhecimento, descobrir novos ângulos e aprofundar a sua visão. Pode também explorar as ligações existentes entre os vários itens, tentando estabelecer relações e associações e passando então a combiná-los, separá-los ou reorganizá-los (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009, p. 13).

Ademais, as reflexões que condicionam o presente trabalho são: Qual lugar é dado às infâncias africanas e afro-diaspóricas, à vida, à morte e aos corpos desses sujeitos nas obras de Debret? Como os corpos africanos e afro-diaspóricos estão registrados na dinâmica do poder? Qual o lugar das infâncias africanas e afro-diaspóricas na formação histórico-social do Brasil e na dinâmica do poder a partir dos registros artísticos de Debret? São essas reflexões que conduziram a análise da presente investigação. Dessa maneira, propomos criar caminhos metodológicos afrolocalizados, na medida em que a afrocentricidade (Asante, 2009) aponta para outras reflexões e metodologias.

Os caminhos metodológicos não poderiam ser diferentes, a afrocentricidade (Asante, 2009) desenha e costura as reflexões e as problematizações expostas no presente trabalho. Salientamos que a presente pesquisa tem como pano de fundo provocar novos questionamentos sobre as infâncias, possibilitando que outras investigações possam ampliar os debates e os estudos sobre as infâncias afro-diaspóricas e africanas de maneira afrolocalizada – em suas próprias epistemologias.

No entanto, para complementar a análise documental de Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009) utilizamos da afrocentricidade (Asante, 2009) para sistematizar e aprofundar a escultura de *Ibeji*, todavia, ainda percebemos que esse campo investigativo, sobre as infâncias Yorubá, devem ser qualificadas, pois, existem algumas lacunas, que necessitam ser melhor compreendidas como, por exemplo: *Ibeji* são as crianças que caminham? As esculturas em pé simbolizam, em alguma medida, um corpo ereto, apto a caminhar? Como a noção de *íbeji* atravessa os bebês afro-diaspóricos? Qual a dinâmica de poder desses corpos e sobre esses corpos no cenário diaspórico?

Para buscar responder, ou minimamente provocar outras reflexões, foi preciso pontuar o que Duarte (2020, p. 237-238) sinaliza:

existem 5 características mínimas pelas quais se constitui a Afrocentricidade: A primeira delas é o interesse pela localização psicológica, uma vez que se trata de uma epistemologia; A segunda é o compromisso com a descoberta do lugar africano como sujeito da história humana. Abandonar de uma vez por todas a concepção do povo africano como contraparte do povo europeu e como marginal na construção da civilização. Os povos africanos, ameríndios e indígenas devem passar a ser vistos a partir de si mesmos, de suas próprias definições, reguladoras de suas próprias experiências, e não mais a partir da definição dos outros povos; A terceira

característica é a defesa dos elementos culturais africanos; A quarta, o compromisso com o refinamento léxico, que significa que devemos introduzir, na linguagem, no vocabulário, nos modos de falar e na organização dessa fala, as características dos idiomas, das palavras e dos conceitos africanos; A última, e não menos importante característica é o compromisso com uma nova narrativa com a história da África, uma narrativa na qual os povos desse continente deixem de ser vistos como subumanos, ou primitivos, mas sim como um povo cuja história é muito anterior ao rapto para os demais continentes, à colonização e ao genocídio dos pelo menos 20 milhões de seres humanos. Evento chamado por Molefi Asante, Mogobe Ramose, Renato Noguera e outras autoras como Diáspora Africana.

Tentando preencher essas lacunas, mas seguindo comprometido com a pluriversalidade (Ramose, 2011) dos povos yorubás, entendemos, que as narrativas sobre as infâncias yorubás não são limitadas às esculturas de *Ibeji*. Mas são profundamente alicerçadas nas percepções da vida e da comunidade, o que Oyěwùmí (2002) chama de Cosmopercepção. Dessa forma, a infância para os povos yorubás, se desenha pelos sentidos, pela razão, pelas *iyás* e *bábás*, por todo o *egbé*. São conceitos que não iremos traduzir para não perder o verdadeiro sentido epistemológico, filosófico e pedagógico. Nesse sentido, o objetivo do estudo e análise está relacionado ao comprometimento com as características metodológicas afrocentradas sendo, uma delas, o compromisso com o refinamento léxico, o qual significa que devemos introduzir, na linguagem, no vocabulário, nos modos de falar e na organização dessa fala, as características dos idiomas, das palavras e dos conceitos africanos (Duarte, 2020).

14

5 CONCLUSÃO

Argumentou-se, ao longo do trabalho, que existem outras formas de narrar e compreender as infâncias africanas e afro-diaspóricas, para além das representações coloniais e desumanizantes. Em alguma medida, o propósito foi problematizar o fetichismo presente em estudos sobre os sujeitos africanos e afro-diaspóricos, que ainda posicionam os corpos africanos como subalternos ou limitados a uma lógica de violência e sofrimento.

Nesse sentido, a escultura de *Ibeji* foi apresentada como uma possibilidade de produção de sentido conduzida por epistemologias africanas, destacando-se como uma forma filosófica e pedagógica de dialogar, interpretar e aprender com as infâncias africanas e afro-diaspóricas, a partir de suas próprias cosmopercepções.

Assim, propomos compreender a confluência entre a memória africana e os seus mistérios como elementos que persistem e se atualizam nas vivências das infâncias afro-diaspóricas, abrindo caminhos para novas formas de existir, narrar e educar.

REFERÊNCIAS

ASANTE, K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia. Tradução de Renato Nogueira, Marcelo J. D. Moraes e Aline Carmo. **Ensaio Filosófico**, v. 14, dez. 2016.

BONI, Tanella. A dignidade da pessoa humana. Título original: La dignité de la personne humaine: de l'intégrité du corps et de la lutte pour la reconnaissance. **Diogène**, n. 215, v. 3, p. 65-76, 2008. Tradução para uso didático de Jéssica Alves Costa Rocha.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Prefácio de Mário de Andrade. 1. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1978.

DALA, Dieudonne Bukasa N. **Os gêmeos afro-brasileiros e o sincretismo religioso**: o culto aos gêmeos – entre África e Brasil. 2013. 80 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

DEBRET, Jean-Baptiste. **Voyage pittoresque et historique au Brésil**. Tome deuxième. Paris: Firmin Didot Frères, [1835]. p. 8. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon326377/icon326377_091.jpg. Acesso em: 3 fev. 2025.

FIGURA GÊMEA (IBEJI). **Ibeji**. Séculos XIX-XX. Madeira, búzios, cordão, miçangas e sinos de bronze. 22,8 × 8,3 × 2,7 cm. Cultura: povos iorubás. Geografia: Nigéria. Coleção Memorial Michael C. Rockefeller; Coleção Memorial Diana Woolman. N. do objeto: 1978.412.673. [18--].

GILSON, Ramos Lopes Neto; OURIQUE, João Luis Pereira. Debret e Machado: vozes e imagens da escravidão no Brasil. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 34, p. 45-58, jan./dez. 2019.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, Estado de exceção, política da morte. **Arte & Ensaio**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento**: uma história escrita por mãos negras. Organização de Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. **Entre apostas e heranças**: contornos africanos e afro-brasileiros na educação e no ensino de filosofia no Brasil. Rio de Janeiro: NEFI, 2020.

NOGUEIRA, Renato. O poder da infância: espiritualidade e política em afroperspectiva. **Momento: Diálogos em Educação**, Rio Grande, v. 28, n. 1, p. 127-142, jan./abr. 2019.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P. J. (org.). **The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002. p. 391-415. Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento.

RAMOSE, Mogobe. Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana. Título original: On the legitimacy and study of African Philosophy. Tradução de Dirce Eleonora Nigro Solis, Rafael Medina Lopes e Roberta Ribeiro Cassiano. **Ensaio Filosófico**, v. 4, out. 2011.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351/pdf>. Acesso em: 24 fev. 2025.

Recebido em: 15 out. 2025.

Aceito em: 12 maio. 2026.